

A MODA NO MUSEU: O ACERVO DO MARGS E UMA HISTÓRIA DA INDUMENTÁRIA LOCAL

Fashion at the Museum: MARGS's collection and Local Garment History

*Bosak, Joana; Dra; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Grupo de
Pesquisa História da Arte e Cultura de Moda/CNPq, joanabosak@gmail.com¹*

Resumo

Esta comunicação diz respeito à etapa inicial do projeto homônimo, que visa encontrar a partir do acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul fontes para a construção de uma história visual da indumentária no referido estado. Outro objetivo é construir uma narrativa histórica da indumentária do estado através das imagens fornecidas pelo acervo do museu, como as telas do pintor Pedro Weingartner.

Palavras Chave: MARGS; acervo; história da arte; história da indumentária, Pedro Weingartner.

Abstract

This paper reflects about the initial part of homonymous project, that aims find since MARGS 's archives sources to construct a visual history of garment in this State. Other goal is to do a historical narrative of garment through images that must be find in these archives, such the canvas of the painter Pedro Weingartner.

Keywords: MARGS; archive; Art History; garment history, Pedro Weingartner.

Introdução

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), fundado em 1954, por Ado Malagoli, pintor e professor da escola de Bellas Artes de Porto Alegre² em

¹ Joana Bosak é professora adjunta de Teorias, Crítica e Historiografia da Arte, no Bacharelado em História da Arte da UFRGS. É historiadora, com doutorado em Literatura Comparada. Líder do grupo de pesquisa História da Arte e Cultura de Moda, cadastrado junto ao CNPq.

² Escola fundada em 1910, germen da atual faculdade de Artes Visuais, da UFRGS.

plena égide do Modernismo no estado³, é considerado o principal museu de arte do Rio Grande do Sul, com cerca de três mil obras de artistas locais, nacionais e internacionais em seu acervo.

Recentemente o museu tem-se aberto a exposições com curadorias menos tradicionais, evidenciando certo interesse pelo design e pela indumentária. Entretanto, apesar desse desejo de renovação, tais exposições careceram de tratamento adequado à questão têxtil, que ali apareceu mais como exemplo de possibilidades estéticas do que como obra em si⁴.

Ainda que saibamos da intenção da equipe do museu em constituir uma ponte mais aprofundada com a história da indumentária⁵ a exemplo de recentes iniciativas como a relatada, entre outras, parece pertinente pensar que a principal via de diálogo com a história da indumentária e da moda no museu esteja já em seu acervo, através da cultura visual e material representada em sua coleção de arte, em telas e esculturas.

História da Arte e da Indumentária/Cultura material e visual

Segundo Peter Burke, em *Testemunha Ocular* (2005), as imagens são o que torna possível, muitas das vezes, nossa aproximação com a cultura material. Quando esta falta e não mais está à nossa disposição, é através da imagens que podemos recontá-la ou melhor: acessá-la.

No caso da coleção do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, é em sua pinacoteca, principalmente, que encontraremos um maior número de peças que retratam uma "história da moda" do Rio Grande do Sul, de fins do século XIX ao decorrer do XX.

³ Esta é, de fato, uma questão de difícil abordagem. A Escola de Belas Artes, em Porto Alegre, continuava, em boa medida, voltada à arte acadêmica, conforme GOMES e BRITES, em 100 Anos de Artes Plásticas no Instituto de Artes da UFRGS (BRITES et al, 2012). Entretanto, segundo os estudos de RAMOS (2007), o Modernismo no Rio Grande do Sul é inaugurado e desenvolvido pelos artistas ilustradores pertencentes ao quadro da antiga Livraria e Editora Globo. Entre eles estavam João Fahrion, também professor da Escola de Bellas Artes.

⁴ Refiro-me aqui à exposição intitulada Geografias da Criação [Arte, Moda, Design], com curadoria de Ana Zavadil, que aconteceu entre 4 de setembro e 16 de novembro de 2014.

⁵ Dou como exemplo uma etapa do ciclo Conversas no Museu, promovido pela AAMARGS, a Associação de Amigos do Museu, em 10 de março de 2015, seguido por um curso de curta duração, ambos intitulados Arte e Moda, sob a responsabilidade de Joana Bosak.

Como coleção “histórica”, a pinacoteca do MARGS é bastante reveladora: em busca da construção de uma identidade plástica, há também a busca de uma identidade regional, tema tão recorrente na cultura rio-grandense, como muito bem argumentou Ruben Oliven, no já clássico *A parte e o todo* (2006).

É em pintores radicados em Porto Alegre, entre fins dos 1800 e meados dos 1900 que encontraremos algumas dessas vozes que nos contam plasticamente como se desenvolvia o relato da cultura visual no Rio Grande do Sul, como o pintor descendente de alemães Pedro Weingartner, conforme pontuam Ana Maria Albani de Carvalho (2008), Neiva Maria Fonseca Bohns (2008) e Paulo Cesar Ribeiro Gomes (2008), em alguns trabalhos dedicados ao pintor, publicados pela Revista 19&20, especializada em arte do século XIX.

Com Pedro Weingartner e suas cenas tipicamente gauchescas do final do século XIX existe um registro mais histórico dos tipos, hábitos e costumes, como em *Tempora Mutantur*, de 1898:



Pedro Weingartner, Porto Alegre/RS, 1853 - 1929, *Tempora Mutantur*, 1898
Óleo sobre tela, 110,3 X 144 cm, Acervo do MARGS

No retrato da vida que passa, do trabalho braçal dia após dia, o casal de agricultores vê o tempo inexorável. Suas roupas designam o trabalhador do campo, talvez não distante da cidade. Percebe-se que a indumentária aí documentada não se encontra com aquela que se espera observar em um “verdadeiro” gaúcho ou em uma prenda: a bombacha e o vestido *à la andaluza*, cheio de babados, conforme os estudos iconográficos de Vera Stédile Zattera (1995 e 1999) e legislados pelo Movimento Tradicionalista. Ao contrário: o que se encontra é um traje ocidental comum, do final do século XIX - uma camisa branca, vestida com calças compridas e botas, sem esporas, visto que se trata de um homem da terra, não de um cavaleiro, como o tornado símbolo *Laçador*, de Antonio Caringi⁶.

O mesmo ocorre com *Estudo para “O bolicho”*, quando o pintor registra o interior de um estabelecimento comercial no final do século XIX. Bolicho é o



Pedro Weingartner, Porto Alegre/RS, 1853 - 1929, *Estudo para “O bolicho”*

Nanquim e aguada sobre papel, 19,5 X 25,2 cm, Acervo do MARGS

⁶ O *Laçador* é uma escultura de Antonio Caringi, escultor brasileiro, nascido na cidade de Pelotas, no ano de 1905, onde morre, em 1981. Trata-se de um bronze de 4,45 metros de altura, confeccionado em 1954 e localizado em uma das entradas da cidade, próximo ao aeroporto. Em 1958 foi escolhido símbolo oficial de Porto Alegre, com uma representatividade muito expressiva ainda hoje. O modelo da obra foi o tradicionalista João Carlos Paixão Cortes.

típico armazém de secos e molhados existentes no Rio Grande do Sul. O estudo, em nanquim, permite visualizar o testemunho de Weingartner como do momento, no cotidiano das pessoas que no estado viviam nos anos 1800.

Embora não sejam constantes do acervo do MARGS, gostaria de referir-me a outras telas do pintor, que nos auxiliam a compreender a sua narrativa, são elas: *Chegou tarde!*, de 1890, que faz parte do acervo do Museu Nacional de Belas Artes e a tela *Kerb*, de 1892, pertencente a uma coleção particular.

A tela *Chegou tarde!* retrata uma cena de bolicho também. Desta vez não se trata de um estudo, mas do trabalho final. Na cena narrada, há o interior de um bolicho e a chegada de um caixeiro viajante que chega demasiado tarde: seu concorrente, vendendo tecidos, já havia chegado e exibia suas



Pedro Weingartner, Porto Alegre/RS, 1853 - 1929, *Chegou tarde!*

Óleo sobre tela, 74 X 100 cm, Museu Nacional de Belas Artes/RJ

amostras à dona do estabelecimento. Ambos os caixeiros aparecem, desta vez, vestidos *comme il faut*: bombacha e poncho. A cena, também nesse híbrido, espécie de armarinho da época, nos mostra o trabalho; homens e mulheres em

seus labores e mesmo a figura de uma escrava com a sua indumentária costumeira, como apresentada por Athos Damasceno Ferreira, em estudo clássico de 1957.

De certa forma, não causa muito estranhamento que, justamente esta obra, esteja exposta no grande museu estatal brasileiro de arte - e de arte acadêmica, por excelência, o Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro: representa a imagem do gaúcho que se espera ver, fora do território sul-rio-grandense. Representante “legítimo” do tipo gaúcho, o quadro serve como vitrina para uma visualidade que vem do sul, assim como uma identidade imediatamente reconhecida, conforme o estudado por Joana Bosak (2010). Não por acaso, a historiadora argentina Ruth Corcuera, especialista em têxteis latino-americano escolheu esta imagem para seu último livro, em fase de finalização.

Ademais de sua produção plástica, também nos chama a atenção o apreço que tem o pintor por sua própria aparência, em sua toailete, em um momento de pose, conforme nos denuncia seu retrato, sem data:



É esta figura de dândi que nos aparece como responsável pela crônica visual dos costumes de uma terra que tem dono: aquele tornado apenas "o gaúcho". Mas a figura cosmopolita de Pedro, viajado e estudado na Europa não deixa dúvidas de sua filiação: ele é um homem do mundo, um artista de sua época, distante até certo ponto, portanto, daquilo que representa, quem sabe mesmo um "dândi crioulo", conforme pode sugerir um outro estudo (Bosak, 2013).

Mas é na tela *Kerb*, de 1892, que se vê a indumentária vestida de moda, no Rio Grande do Sul do final do século XIX, em uma típica reunião da colônia alemã, representativa de um outro grupo social, os colonos europeus, que vão sendo paulatinamente assimilados pela cultura rio-grandense:



Pedro Weingartner, Porto Alegre/RS, 1853 - 1929, *Kerb*, 1892

Óleo sobre tela, s/dimensões, Coleção particular

Na tela a festa mescla histórias, etnias, identidades: roupas europeias, "da moda", com bombachas, xales espanhóis; chinocas, prendas e colonas. Talvez, em termos de indumentária, seja a tela mais significativa de Weingartner, já que dialoga com as diferentes culturas pelas quais o artista dialogou em suas perambulações pelo Rio Grande do Sul.

Teórico visual do hibridismo sulino e fornteiço, é na narratividade dessas cenas corriqueiras que Weingartner, filho cosmopolita de pais alemães, vai nos dando subsídios para a compreensão daquilo que não nos restou: o material que não guardamos, ou que se desfez com a vida que o levou.

A arte de Pedro Weingartner, ao imitar e representar a vida fez mais: tornou possível ao presente recontar o passado, na vida das formas e nas "formas de vida", como diria Nicolas Bourriaud (2011)", escolhidas para serem documentadas e, por isso mesmo, eternizadas.

Se a História da Arte é a grande fonte de uma História da Indumentária e da Moda é porque esses grandes artistas, à sua maneira, souberam costurar em suas telas, através da cor e da linha, toda uma forma de ver vestir o mundo que habitaram e que ainda nos habita.

Considerações finais

Da memória material, resta apenas o registro visual de um verdadeiro historiador da moda: Pedro Weingartner. Sem ele, como se veria aquilo que Athos Damasceno Ferreira (1957) nomeia, mas não registra visualmente, nem referencia em termos documentais?

No apontamentos saborosos de Damasceno Ferreira (1957) temos o perfume e o colorido - ou mesmo a falta de cor - de uma indumentária trazida dos Açores e/ou criada no que hoje é o Rio Grande do Sul, a partir do campo e pouco da vida na cidade.

Entretanto, essa visualidade é toda imaginada: não temos uma única gravura nesse estudo, todo ele centrado naquilo que acaba sendo percebido apenas em nossa vontade de ver; sugerido pelas leituras que nos chegam em segunda mão.

Talvez o primeiro estágio desse museu da indumentária e da moda que tanto queiramos já exista em sentido amplificado: embora os têxteis não estejam lá, as imagens estão. E com elas, o sentido de uma época, seu entorno, um contexto, algo que, muitas vezes, o têxtil sozinho não consiga abarcar.

As pinturas contam uma história silenciada das roupas e das formas. Na poesia muda do quadro, uma voz ecoa a memória das roupas que nossos antepassados viram ou vestiram. As pessoas, tais como as roupas, não estão mais ali, mas o momento foi documentado por um tipo diferente de cronista: um “pintor da vida moderna” como diria Charles Baudelaire (2010).

O que se defende aqui é que assim como utilizamos a História da Arte para estudar grandes momentos da história da moda, em seus tempos mais remotos, no caso do Brasil, ou do Rio Grande do Sul, ou de quaisquer outros lugares em que os têxteis não nos restem, é na obra de alguns de seus grandes intérpretes que podemos realmente nos reencontrar com as nossas ausências.

Referências

- BAUDELAIRE, Charles. O Pintor da Vida Moderna. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- BOHNS, Neiva Maria Fonseca. Realidades simultâneas: contextualização histórica d sobra de Pedro Weingartner. 19&20, Rio de Janeiro, v. III, n. 2, abr. 2008. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/artistas_nb_weingartner.htm>.
- BOSAK, Joana. De guaxos e de sombras. Um estudo sobre a identidade do gaúcho. Porto Alegre: Dublinense, 2010.
- BOSAK, Joana. Dandies criollos: ideologia e indumentária no Rio da Prata dos Oitocentos. In: Anais do IX Colóquio Nacional de Moda. Rio de Janeiro: ABPEM, 2013.
- BOURRIAUD, Nicolas. Formas de Vida. A Arte Moderna e a invenção de si. São Paulo: martins Fontes, 2011.
- BRITES et al. 100 Anos de Artes Plásticas no Instituto de Artes da UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.
- BURKE, Peter. Testemunha ocular. Bauru: EDUSC, 2005.
- CARVALHO, Ana Maria Albani de. A Paisagem em Pedro Weingärtner (1853 - 1929): algumas hipóteses de trabalho. 19&20, Rio de Janeiro, v. III, n. 3, jul. 2008. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/pw_amac_paisagem.htm>.
- CATÁLOGO GERAL MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL. Vol. I. Organizado por Raul Holz. Porto Alegre: MARGS, 2013.
- FERREIRA, Athos Damasceno. Apontamentos para o estudo da indumentária. In: Fundamentos da Cultura Rio_Grandense. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia, 1957.
- GASTAL, Susana. A arte no século XIX. In: GOMES, Paulo. Artes plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica. Porto Alegre: Lahtu Sensu, 2007, p. 30 - 49.
- GOMES, Paulo César Ribeiro. Alguns Comentários sobre Pedro Weingärtner. 19&20, Rio de Janeiro, v. III, n. 3, jul. 2008. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/pw_pg.htm>.

RAMOS, Paula. *Artistas Ilustradores. A Livraria Globo e a constituição de uma visualidade moderna pela ilustração*. Tese de Doutorado em História, Teoria e Crítica de Arte. Porto Alegre: PPGART/UFRGS, 2007.

ZATTERA, Vera Stédile. *Cone Sul - adereços indígenas e vestuário tradicional. Argentina - Brasil - Chile - Paraguai - Uruguai*. Porto Alegre: Pallotti, 1999.

ZATTERA, Vera Stédile. *Gaúcho. Iconografia (Século XIX e XX)*. Porto Alegre: Pallotti, 1995.